



A morte de Hitler: os arquivos secretos da KGB

São Paulo: Companhia das Letras,
2018. (350p)

Jean-Christophe Brisard; Lana
Parshina; tradução: Julia da Rosa
Simões

Elisa Maria Lopes Chaves¹

O livro “A morte de Hitler: os arquivos secretos da KGB”, fruto do trabalho de investigação do jornalista francês Jean-Christophe Brisard e da tradutora e cineasta russo-americana Lana Parshina, relata a investigação realizada sobre a autenticidade dos documentos nos arquivos russos acerca da morte de Hitler, e coloca fim às dúvidas e mistérios que envolvem esse fato histórico.

Entre poucos acessos às instituições russas responsáveis pela guarda dos documentos e muitas negativas destas, somente em 2017, após dois anos de pesquisa, os jornalistas chegam a uma conclusão sobre o caso objeto do capítulo final do trabalho.

A narrativa mescla dados do presente, sobre as investigações aos arquivos soviéticos, e do passado, reconstruindo os últimos dias do Führer, elucidados por meio dos interrogatórios com os sobreviventes e documentos confidenciais. Ainda que a princípio possa parecer confuso, a leitura é fluída, com narrativa bem encadeada dos fatos.

O livro tem seus capítulos divididos em quatro partes. A primeira é dedicada à primeira parte da investigação, a segunda narra os últimos dias de Hitler, a terceira narra a segunda parte da investigação e, por fim, no quarto e último capítulo, seguem as possíveis conclusões depois de finalizadas as investigações dos jornalistas.

Os capítulos são divididos pelas datas e os locais que serão analisados, o que ajuda a localizar o leitor no tempo e espaço.

Os documentos pesquisados por Brisard e Parshina narrados no livro pertencem às seguintes instituições russas: o Garf (Arquivo de Estado da Federação Russa), onde encontra-se arquivado o fragmento de crânio de Adolf Hitler; o RGVA (Arquivo do Estado Militar da Federação Russa), que arquivava os dossiês policiais das testemunhas que estiveram nos últimos dias do Führer; e o Arquivo do FSB (Serviço Federal de Segurança), que arquivava o dossiê sobre a descoberta e a autenticação do corpo do ditador.

A primeira parte do livro narra as investigações no Garf, localizado em Moscou. Este arquivo conta com cerca de 7 milhões de documentos, predominantemente do gênero textual, que datam do século XIX aos dias de hoje. Além dos documentos textuais, incluindo-se dossiês secretos, também possui documentos iconográficos, como fotografias.

A atual diretora do Garf, Larisa Rogovaya, substituiu Sergey Mironenko, que permaneceu na direção do Arquivo durante 24 anos. Sergey era defensor da abertura e acesso aos arquivos, junto à política de acesso aos documentos do ex-presidente Boris Iéltsin.²

Os autores destacam a alteração da política de acesso aos arquivos russos com a mudança de governo, de forma que o atual presidente Vladimir Putin³, no cargo desde maio de 2012, assina um decreto, no dia 4 de abril de 2016, em que a gestão e acesso aos arquivos passavam a ser prerrogativa direta do presidente da Federação Russa⁴, ou seja, do próprio Putin.

Diante do novo cenário, foram meses de negociações e investidas até os jornalistas conseguirem acesso aos arquivos. Segundo a percepção dos autores, a dificuldade no acesso ao fragmento de crânio atribuído ao Hitler não se justificava pela conservação da peça, verificada pelo simples acondicionamento que ela possuía, mas por questões políticas, de forma a evitar questionamentos sobre sua autenticidade.

E assim, ao ser questionada pelos pesquisadores sobre a autenticidade do objeto, a diretora do Arquivo reforça: “anos de pesquisa, de análises, de verificações efetuadas pela KGB e pelos cientistas soviéticos, os melhores... Em todo caso, oficialmente é dele [Hitler]”. Aqui, concluem os jornalistas que o “crânio não é cientificamente, mas ‘oficialmente’, de Hitler”.

Até o surgimento do fragmento do crânio no ano 2000, ainda que a morte oficial de Adolf Hitler e Eva Braun tivesse sido declarada dez anos após o ocorrido, em 25 de outubro de 1956, não havia corpo ou alguma prova física do óbito de ambos.

O fragmento tornou-se “público” mais precisamente em 27 de abril de 2000, através de uma exposição organizada sobre os arquivos secretos soviéticos

com o título “Agonia do Terceiro Reich: o castigo”, nas vésperas do 55º aniversário da vitória russa e dos Aliados⁵ sobre a Alemanha nazista.

Após a publicização da peça, sua autenticidade passou a ser questionada. Em 2009, uma equipe de pesquisadores estadunidenses afirmou ter analisado uma amostra do crânio. A emissora *History Channel* divulgou os resultados da investigação. O pesquisador responsável pela pesquisa, Prof. Nick Bellantoni, da *Universidade de Connecticut* (Estados Unidos), através de análise baseada em teste de DNA, entre outras evidências, afirmou que o crânio pertencia a uma mulher, desmentindo a versão atribuída pelo governo russo. No entanto, os russos alegaram nunca terem recebido o pesquisador no Garf.

A aparente reação negativa das autoridades russas no andamento das investigações é elucidada pela autora Lana Parshina, que explica: “o crânio é um símbolo forte na Rússia, do sofrimento durante a Segunda Guerra Mundial, da resistência e vitória dos russos. Desde que o ‘objeto’ foi apresentado ao grande público, houve questionamentos sobre sua autenticidade. Desta forma, rouba-se um pouco do glorioso passado da União Soviética”.⁶ Principalmente quando esses questionamentos ganham força pelos estadunidenses.

As pesquisas no Garf seguem e além do fragmento do crânio, os pesquisadores possuem acesso ao relatório fotográfico da investigação sobre a morte de Hitler, datado de maio de 1946. Finalizada a investigação no Garf, os jornalistas são levados a investigarem outros arquivos russos relatados na segunda parte da investigação, narrada na terceira parte do livro.

Na segunda parte do livro, os capítulos relatam os últimos dias de Hitler no bunker, seu esconderijo em Berlim. Esse detalhamento só foi possível graças a relatos obtidos de funcionários e pessoas próximas ao ditador, que foram presas e interrogadas pelos soviéticos.

A terceira parte do livro retoma a investigação nos arquivos russos. Uma parte dos relatórios soviéticos sobre a morte de Hitler estava arquivada no Arquivo Central do FSB. O FSB (*Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti*)⁷, ou seja, o serviço secreto russo, pode se dizer ser um sucessor da KGB.

A documentação referente à morte do Hitler foi distribuída entre várias instituições russas, o que nos dá ideia da dispersão dos documentos. Assim, “o Garf armazena o pedaço do crânio atribuído a Hitler; coube ao Arquivo do Estado Militar da Federação Russa (RGVA) o conjunto dos dossiês policiais de testemunhas dos últimos dias do Führer; e ao TSA do FSB, os documentos sobre a descoberta e a autenticação do corpo”.⁸

Ao obter acesso aos documentos confidenciais sobre a morte de Hitler, a pesquisa no arquivo do FSB segue de forma rápida e sob forte vigilância. Os pesquisadores têm acesso ao relatório original, datado de 5 de maio de 1945, do serviço secreto soviético, trata da descoberta dos cadáveres na frente do bunker.

Ainda segundo as pesquisas realizadas no arquivo do FSB, é possível afirmar que oficialmente Moscou negou a posse do corpo de Hitler e destruiu os corpos atribuídos a Hitler e a seu círculo próximo, em maio de 1945. Pelo menos segundo a versão das autoridades russas – chamada “Operação Arquivo”, em 5 de abril de 1970.

No entanto, o segredo sobre os cadáveres é divulgado e revelado com o apoio de provas fotográficas, em 1968, com a publicação do livro na Alemanha Ocidental intitulado *A morte de Adolf Hitler*. As provas referem-se aos dentes atribuídos a Hitler: uma ponte maxilar com nove dentes e uma mandíbula inferior com quinze.⁹

A primeira análise global dos dentes de Hitler se deu em 1972, por dois cientistas noruegueses que fizeram uma análise exclusivamente através de documentos, e atestaram que os dentes pertenciam ao ditador. Deste modo um relatório científico não soviético admite a tese de morte de Hitler, mas a dúvida ainda persiste sem os restos mortais para análise.¹⁰

Finalizadas as pesquisas ao Arquivo da FSB, ou melhor, do que foi permitido acessar, a investigação tem continuidade no Arquivo do Estado Militar da Federação Russa. Nele estão armazenados mais de 7,3 milhões de documentos sobre as Forças Armadas soviéticas e russas e sobre os serviços de informação militar. Aqui, relatam, os documentos eram armazenados em cerca de 5.000 caixas de papelão dispostas em estantes metálicas, a maior parte delas com carimbo de “segredo”. Neste arquivo encontram-se todos os documentos oficiais do Terceiro Reich apreendidos pelas forças soviéticas com o fim da Segunda Guerra Mundial.¹¹

Lá os pesquisadores têm acesso aos documentos das testemunhas investigadas pelos soviéticos. “Os documentos não estão digitalizados”, relata o responsável pela visita, fato explicado devido à imensidão de documentos e usado como justificativa pela dificuldade de encontrá-los. “O sistema de classificação dos arquivos militares funciona” à moda antiga: pequenas fichas sintetizam temas, anos e ocorrência de cada caixa, mas sem maiores detalhes. A tarefa se complica quando se trata de documentos de língua estrangeira (...). No entanto, o responsável pela visita ao Arquivo salienta que “nada nos é desconhecido. Nosso acervo histórico não tem nada de novo a nos informar. Todos os documentos secretos já foram abertos, ou quase...”¹²

Após as primeiras visitas às instituições citadas, depois da tradução do material recolhido, os pesquisadores sentiram a necessidade de concluir a investigação com uma nova visita aos mesmos arquivos, além de analisar as provas físicas, como o fragmento do crânio e da arcada dentária. Assim, após inúmeras negociações, relatadas minuciosamente no livro, as autoridades russas autorizaram uma perícia científica nos documentos atribuídos a Hitler. Preocupados

com a neutralidade da investigação, os jornalistas sugerem um cientista estrangeiro, um médico francês, que é prontamente aceito pelos russos.

Existe uma grande preocupação dos autores com a seriedade científica. Assim como de narrar as dificuldades encontradas durante a pesquisa. O processo de investigação e seus resultados serão narrados na quarta e última parte do livro, dedicada às conclusões das pesquisas nos arquivos russos.

A investigação, assim, segue no Garf pela análise do fragmento de crânio atribuído a Hitler. A análise é feita através de documentos: radiografias do rosto de Hitler e das fotografias e vídeos produzidos durante as pesquisas dos jornalistas Brisard e Parshina. De modo que Charlier chega à mesma conclusão dos cientistas noruegueses, a de se tratar dos dentes de Hitler.

No FSB o cientista tem acesso aos dentes atribuídos a Hitler e Eva Braun e garante que os dentes analisados não se tratam de falsificação. Nas primeiras análises dos dentes atribuídos a Eva, o cientista já observa aspectos parecidos com os dentes de Hitler, e assim corrobora a hipótese que receberam o mesmo tratamento *post mortem*, cremação e sepultamento em meio similar.¹³

No trecho a seguir é possível verificar a minúcia, e talvez excesso de zelo, para justificar os motivos pelos quais algumas pequenas amostras foram parar nas mãos dos pesquisadores, e assim, talvez não se comprometerem. “Depois do exame de julho de 2017 na sede do FSB, em Moscou, como de costume o legista guardou cuidadosamente o material que utilizou. Na ocasião, dois pares de luvas de látex e duas folhas de papel, sobre as quais haviam sido dispostos os dentes [de Hitler]. (...) De volta a Paris, antes de jogar tudo no lixo, ele percebeu que alguns minúsculos fragmentos de tártaro dos dentes de Hitler haviam se soltado durante o exame. Sem pensar, ele os separou e armazenou dentro de um pequeno frasco”.¹⁴

Ao levar a descoberta aos jornalistas responsáveis pela pesquisa, estes avaliaram estar “fora de questão agir sem o consentimento deles [russos]. Por duas razões bastante simples: por princípio moral e por profissionalismo. Duas noções que Philippe Charlier considera particularmente importantes. Além disso, sem o sinal verde das autoridades russas, será impossível tornar oficial a análise da amostra”.¹⁵

Após a concordância da análise da amostra pelo governo russo, as análises e pesquisas lideradas por Charlier por fim apontaram que não era factível afirmar que o fragmento de crânio realmente era de Hitler. Pois, através do exame visual permitido não foi possível afirmar a idade do fragmento, tampouco o sexo. “É um crânio de adulto. Ponto final. Já em relação aos dentes, sou categórico. De fato são de Hitler.”¹⁶

E ainda completa: “A soma de todas essas análises confirmam que os restos mortais examinados são de fato de Adolf Hitler, morto em Berlim no

ano de 1945. E isso acaba de uma vez por todas com as teorias de que ele possa ter sobrevivido”.¹⁷

Mesmo diante das limitações impostas às investigações conduzidas pelos jornalistas e pelo acesso restrito aos documentos, a contribuição do livro se dá em mostrar a importância da busca por fontes primárias, como documentos oficiais, dossiês contendo relatórios, relatos e fotografias e, por fim, as provas científicas para embasar os fatos históricos. Nesse ponto, levanta importantes dados sobre o fato em questão, de forma a preencher as lacunas que ainda se faziam presentes, mesmo depois de passados mais de 70 anos da morte do ditador em 1945.

NOTAS

1. Mestre em Gestão da Informação pela ECA/USP, especialista em Gestão documental e administração de arquivos pela UNIA (Espanha), bacharel e licenciada em História pela FFLCH/USP. Desenvolve atividades de organização e preservação de acervos há mais de 10 anos. Contato da autora: elisachaves8@gmail.com
2. Boris Iéltsin esteve no cargo entre 25 de dezembro de 1991 e 31 de dezembro de 1999.
3. Vladimir Putin teve seu primeiro mandato entre 7 de maio de 2000 e 7 de maio de 2008.
4. BRISARD, Jean-Christophe; PARSHINA, Lana. *A morte de Hitler: os arquivos secretos da KGB*. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 16.
5. Os Aliados foram uma aliança formada pela França, Inglaterra, Estados Unidos e a ex-URSS, na Segunda Guerra Mundial, entre 1939-1945. Formaram força contra o eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão.
6. BRISARD; PARSHINA. *Op. cit.*, p. 34.
7. A KGB era o Comitê de Segurança do Estado criado em 1954. Com o fim da União Soviética, a KGB deixou de existir, e em 11 de outubro de 1991, pode se dizer que o serviço de inteligência foi desmembrado em dois, cabendo ao FSB (Serviço Federal de Segurança da Federação Russa) a segurança interna e o Serviço de Inteligência Estrangeiro (SVR), no plano externo. Assim, em 1995, a KGB foi em parte substituída pelo FSB (BRISARD; PARSHINA; 2018, p. 139).
8. BRISARD; PARSHINA. *Op. cit.*, p. 139.
9. *Idem*, p. 303.

10. *Idem*, p. 305.

11. Na época, países membros das forças aliadas (Inglaterra e Estados Unidos) solicitaram acesso ao dossiê da morte de Hitler, com informações sobre os resultados as investigações soviéticas. No entanto, eles tiveram acesso apenas ao jardim do “Führerbunker” e não obtiveram acesso ao relatório sobre a morte de Hitler feito pelos soviéticos. Assim, “os soviéticos nunca permitiram que os americanos se aproximassem dos supostos corpos de Hitler e Eva Braun mantidos em seu poder. Como poderiam ter concedido esse privilégio, se oficialmente os cadáveres não estavam com eles? Stálin negava que a URSS estava em posse do corpo de Hitler, inclusive reforçando a hipótese durante um período que o mesmo podia estar vivo e escondido”. BRISARD; PARSHINA. *Op. cit.*, p. 303.

12. *Idem*, p. 229.

13. *Idem*, p. 314.

14. *Idem*, p. 316.

15. *Idem*, p. 317.

16. *Idem*, p. 340.

17. *Idem*, p. 340.